



Correspondência Eletrônica ANACEU 334/2010

NOTÍCIA I

FOLHA.com

21/08/2010 - 03h36

ProUni não garante meta de jovens na universidade

DIMMI AMORA
DE BRASÍLIA

Mesmo com o ProUni, programa de bolsa para o ensino superior em instituição particular lançado em 2004, o governo não vai cumprir a meta de pôr 30% de jovens (18 a 24 anos) na universidade até 2011. É o que diz relatório do Tribunal de Contas da União aprovado nesta semana. A reportagem completa está [disponível](#) para assinantes da **Folha** e do UOL).

O documento classifica a iniciativa do ProUni como bem concebida, mas aponta problemas, como falta de indicadores de desempenho e baixo número de atendidos.

O percentual de jovens no ensino superior passou de 10,5% em 2004 (início do ProUni) para 13,9% em 2008. Em 1993, eram 5%. Os técnicos fizeram uma curva estatística em que só em 2020 a meta de 30% será atingida.

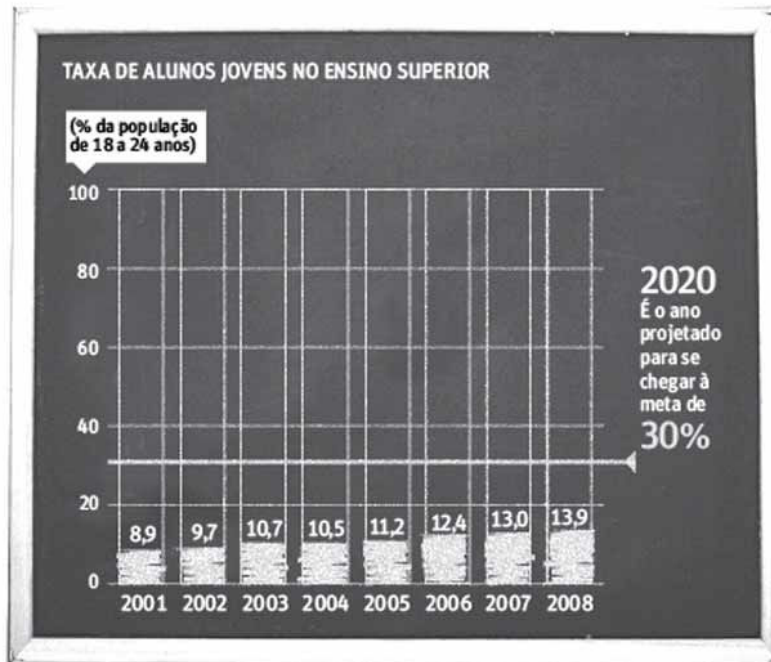
Mas talvez nem em 2020 ela seja alcançada. Um dos gráficos aponta que a curva da taxa de crescimento dos alunos que concluem o ensino médio está declinando.

OUTRO LADO

O Governo contestou o relatório do TCU e disse que a meta vai ser alcançada. Segundo a secretária da Educação Superior do MEC (Ministério da Educação), Maria Paula Dallari Bucci, o governo vai alcançar os 30% de pessoas matriculadas no ensino superior, considerando o número de universitários de todas as faixas etárias em relação à população jovem.

PROUNI

Segundo relatório do TCU, país não alcançará até 2011 meta de ter 30% dos jovens (de 18 a 24 anos) no ensino superior



OFERTA DE VAGAS EM FEDERAIS*

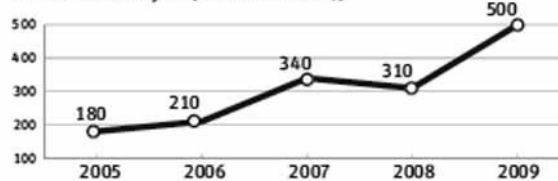
Baixo número de vagas ofertadas pelas universidades federais a um alto custo é um dos entraves para atingir meta



GASTOS DO PROGRAMA

As universidades têm isenção de uma cesta de impostos para dar bolsa aos alunos

VALOR DA ISENÇÃO (EM MILHÕES R\$)



* As vagas em universidades estaduais e as municipais tiveram suas vagas adicionadas ao total

<http://www1.folha.uol.com.br/saber/786629-prouni-nao-garante-meta-de-jovens-na-universidade.shtml>

Nova resolução de conselho barra biólogo formado à distância

O documento passa a exigir um mínimo de 2,4 mil horas de pesquisa, projetos, análises, perícias, fiscalização, emissão de laudos e pareceres na área

Mariana Mandelli - O Estado de S. Paulo

Uma nova resolução do Conselho Federal de Biologia (CFBio) está dificultando a obtenção do registro profissional para alunos formados a distância. O documento passa a exigir um mínimo de 2,4 mil horas de pesquisa, projetos, análises, perícias, fiscalização, emissão de laudos e pareceres na área.

O texto foi aprovado em março, dias após o Ministério da Educação conseguir uma liminar para derrubar a resolução n.º 151/2008, que proibia o registro de formados a distância (leia mais abaixo). O CFBio insiste que as mudanças, que também afetam os cursos presenciais, não vetam o registro de egressos de nenhuma modalidade de curso, desde que reconhecido pelo MEC.

No entanto, bacharéis em Biologia formados por EAD não estão conseguindo se registrar e, assim, exercer a profissão. O Estado acompanhou o caso de dois estudantes do Centro Universitário Leonardo Da Vinci (Uniasselvi), de Santa Catarina (SC). Com a mudança, o conselho afirma que Roger Maciel e Helen Borges não têm o total de horas específicas cobradas, sendo que eles entraram com o pedido antes da nova resolução. “Enrolaram a gente até inventarem uma nova regra”, lembra Roger.

Quando o documento ficou pronto, a nova resolução tirou seu valor. “Ainda me disseram assim: ‘Você não queria a tua carteirinha?’”, conta ele. Agora, para ter o registro, eles devem fazer uma especialização ou se matricular novamente na graduação.

Em nota, o CFBio afirma que quem obteve o registro (de curso presencial ou EAD) antes da publicação da resolução não vai perder o documento. No entanto, o órgão também reforça que todo biólogo “deve se manter atualizado com aprimoramento contínuo”. O CFBio afirma que “em momento algum aumentou a carga horária; somente utilizou as horas prevista pelo parecer n.º 329/2004.”

O MEC afirma, também em nota, que não admite nenhuma forma de discriminação a estudantes formados em educação a distância e lembra a existência da liminar obtida em fevereiro. A pasta reforça que diplomas de EAD devem ser registrados “com as mesmas garantias que na modalidade presencial, pelos conselhos regionais”.

Preconceito

Para especialistas, a resolução é discriminatória. “É reserva de mercado. Essas mudanças não podem ser retroativas”, afirma o presidente da Associação Brasileira de Ensino a Distância, Fredric Litto.

Para Sonia Martins, da Associação Brasileira dos Estudantes de Educação a Distância, o CFBio alterou as regras para prejudicar os alunos de EAD. “É uma tentativa de burlar a lei. Estamos estudando o que podemos fazer para auxiliar os alunos que se formaram com as regras anteriores”, afirma.

PARA LEMBRAR

Em junho de 2008, numa decisão polêmica, o Conselho Federal de Biologia publicou uma resolução proibindo as regionais de concederem registro a profissionais que tenham diplomas de cursos a distância, sem fazer distinção de instituições reconhecidas ou não pelo Ministério da Educação.

Em fevereiro deste ano, a Justiça Federal suspendeu, por meio de uma liminar, a resolução, considerando a proibição inconstitucional.

Além de Biologia, alunos e formados por cursos superiores a distância enfrentam resistência em outros órgãos, como o Conselho Federal de Serviço Social, que não apoia a modalidade. Já foram identificados problemas com o Conselho Nacional do Ministério Público e com o Conselho Municipal de Educação de São Paulo.

Filosofia Cirúrgica[®]

quinta-feira, 19 de agosto de 2010

Prometem cidadãos, entregam maus alunos

Por Carlos Alberto Sardenberg

“As escolas já não ensinam o básico agora também vão enganar nas disciplinas do cidadão”

Há algum tempo, em visita ao Brasil, um diretor do Ministério da Educação da China alinhava as razões pelas quais seu país logo seria a segunda potência econômica do mundo. Além dos motivos clássicos – rápido crescimento, elevado nível de poupança e investimento, muita pesquisa em novas tecnologias, escola de qualidade – acrescentou um que chamou a atenção: na China, dizia, com orgulho, há 300 milhões de jovens estudando inglês, bom inglês. E isso é igual à população dos Estados Unidos, onde nem todo mundo fala inglês, acrescentava, com satisfeita ironia.

Quantos jovens estudam inglês a sério no Brasil? E quantos nas escolas públicas?

Em compensação, nos últimos três anos, conforme leis aprovadas no Congresso, os alunos do ensino básico brasileiro passaram a ter aulas de filosofia, sociologia, artes, música, cultura afro-brasileira e indígena, direitos das crianças, adolescentes e idosos, educação para o trânsito e meio ambiente.

Como não aumentaram o número de horas/aula nem o número de dias letivos, é óbvio que o novo currículo reduz as horas dedicadas a essas coisas banais como português, matemática e ciências.

Vamos falar francamente: isto não tem o menor sentido. É um sinal eloqüente de como estão erradas as agendas brasileiras.

Dirão: mas nossas escolas precisam formar cidadãos conscientes, não apenas bons alunos.

Está bem. Então vai aqui a sugestão: dedicar os sábados e talvez algumas manhãs de domingo para essa formação. Não há melhor maneira de conhecer a cultura indígena do que visitar aldeias, aos sábados, um passeio educativo. Artes plásticas? Nos museus e nas oficinas. Música? Que tal orquestras e bandas que ensaiariam aos sábados ou durante a semana depois das aulas? Meio ambiente? Visitas às florestas e parques. Consciência de trânsito? Um sábado acompanhando os funcionários pelas cidades.

E assim por diante. Como aliás se faz nos países asiáticos, conhecidos pela qualidade de seu ensino. Mas é mais complicado, exige organização, um pouco mais de dinheiro, mais trabalho, especialmente nos finais de semana, e professores e instrutores mais qualificados e entusiasmados com as funções, obviamente com boa remuneração.

Em vez disso, determina-se a inclusão de algumas aulas no currículo e está completa a enganação: ninguém vai aprender a sério nenhuma dessas “disciplinas do cidadão”, assim como a maioria não aprende a contento português, matemática e ciências.

Inglês então, nem se fala, porque aí tem um componente ideológico. É a língua do imperialismo. (Embora seja provável que dentro em pouco seja a língua do imperialismo chinês).

Mas reparem que, quando se trata de estudar mesmo, nem essa ideologia esquerdo-latina ajuda. Diz o pessoal: como estudar inglês se somos todos latino-americanos, bolivarianos e amamos Chávez? Vai daí que vamos ensinar o espanhol a sério? Já seria uma grande ajuda, mas esquece. Até já se disse que o espanhol seria obrigatório, mas não vingou. Talvez porque o espanhol seja a língua dos colonizadores? Não se espantem se alguma emenda mandar que todos aqui estudem as línguas dos índios.

A sério: todos os testes, nacionais e internacionais, mostram que nossos alunos vão mal em português, matemática e ciências. Todos os estudos mostram que isso cria um enorme problema para as pessoas e para o país. Para as pessoas, porque não conseguem emprego numa economia da era do conhecimento. E para o

país, porque, com uma mão-de-obra não qualificada , perde a batalha crucial dos nossos dias, a da produtividade tecnológica.

Reparem: isso é sabido, provado e demonstrado. E fica por isso mesmo. Por isso mesmo, não. Tiram tempo de português para incluir uma rápida enganação de cultura afro.

A agenda equivocada atravessa todo o ensino brasileiro. Nada contras as ciências sociais e as artes, mas, responda sinceramente, caro leitor, cara leitora, é normal, é razoável que a PUC-Rio tenha formado, no ano passado, 27 bacharéis em cinema, três físicos e dois matemáticos?

É normal que, em 2008, as faculdades de todo o Brasil tenham formado 1.114 físicos, 1.972 matemáticos e 2.066 modistas? Como comentou o cineasta e humanista João Moreira Salles, em evento recente da rádio CBN, nem Hollywood tem emprego para tantos cineastas quanto os que são formados por aqui. E sobre 128 cursos superiores de moda no Brasil: “Alimento o pesadelo de que, em alguns anos, os aviões não decolarão, mas todos nós seremos muito elegantes”.

Duvido. As escolas de moda precisariam ser eficientes, o que está longe da realidade.

Na verdade, há aqui uma perversidade sem tamanho. As pessoas das classes mais pobres e os pais que não estudaram já estão convencidos que seus filhos não vão longe sem estudo. Tiram isso, com sabedoria, de sua própria experiência. E fazem um sacrifício danado para colocar os filhos nas escolas e levá-los até a faculdade, particular, paga, na maior parte dos casos.

Quando conseguem, topam com a perversidade: os rapazes e as moças pegam o diploma superior, mas não estão prontos para o trabalho qualificado. Com o diploma, caro, guardado em casa, fazem concurso para gari, por exemplo.

Uma injustiça com as famílias pobres, um custo enorme para o país e a desmoralização do estudo.

Se tivessem planejado algo para atrasar o país, não teriam conseguido tanto êxito.

Publicado em O Globo, 19 de agosto de 2010

<http://www.filosofiacirurgica.com/2010/08/prometem-cidadaos-entregam-maus-alunos.html>